

# Orquidário

Revista oficial da OrquidárioRIO



Vol. 14, n° 4  
outubro a dezembro de  
*Dede Nascimento* 2000

# Orquidário

Volume 14 - nº 2

## Comissão Editorial:

Carlos Ivan da Silva Siqueira, Carlos Eduardo Martins Carvalho, Maria da Penha K. Fagnani, Raimundo A. E. Mesquita e Waldemar Scheliga

## Editor:

Carlos A. A. de Gouveia

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da *Orquidário*.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial, datilografados em uma só face de papel formato A4, em espaço duplo ou em disquete, com cópia impressa, gravado num dos seguintes editores de texto: PageMaker, Word ou qualquer aplicativo compatível com o Windows 95.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que os tenha solicitado e remetido os selos para postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista de rejeitar sem explicação de motivos.

O título *Orquidário* é de propriedade de *Orquidário* e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, fotografia ou desenho publicado sem indicação de reserva de direito autoral (c) pode ser reproduzido para fins não comerciais, desde que se cite a origem e se identifiquem os autores.

## Correspondência:

Deve ser dirigida à *Orquidário*,

Rua Visconde de Inhaúma, 134 / 428

Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-000

Tel.: (0xx21) 233-2314 - Fax: (0xx21) 518-6168

E-mail: [orquidario@orquidario.com.br](mailto:orquidario@orquidario.com.br)

Internet: [www.orquidario.com.br](http://www.orquidario.com.br)

## Projeto Gráfico e Impressão:

J.M.Associados Tel:9816-99-14



Revista trimestral publicada pela Orquidário  
ISSN 0130-6750

## ▼ Diretoria - Biênio 1999/2000

**Presidente:** Paulo Damaso Peres

**Vice-Presidente:** José Luiz Bartolo

**Diretor de Área Técnica:** Roland Brooks Cooke

**Diretor de Área de Relações Comunitárias:**

Marta Guglielmi

**Diretor da Área Administrativo-Financeiro:**

Mario Karpinskias

## Coordenadores:

**Exposição:** Marlene Paiva Valim

**Comunicação:** Carlos A. A. de Gouveia

**Administrativo:** Sylvio Rodrigues Pereira

## Departamentos:

**Pesquisa, Cultivo e Cursos:** Carlos Eduardo Martins Carvalho

**Biblioteca:** Sylvio Rodrigues Pereira

**Ensino:** Maria da Penha K. Fagnani

**Sócios:** Alexandre Cruz de Mesquita

**Secretária da Diretoria:** Nilce Carlos

## ▼ Presidentes Anteriores:

1 - Edward Kilpatrick, 1986/1987 (✚)

2 - Álvaro Pessôa, 1987/1990

3 - Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994

4 - Hans O. J. Frank, 1994/1996

5 - Carlos A. A. de Gouveia, 1997/1998

## ▼ Conselho Deliberativo - 1999/2000

**Membros:** Antonio Clarindo Rodrigues, Hans O. J. Frank, Mauricio Verboonen, Carlos Ivan da Silva Siqueira e José Lousada

## Preços / Rates

|                               | 1 ano/<br>1 year | 2 anos/<br>2 years | 3 anos/<br>3 years |
|-------------------------------|------------------|--------------------|--------------------|
| Filiação e contribuição anual | R\$ 60,00        | R\$ 110,00         | R\$ 160,00         |
| Overseas Subscription Rates   | US\$ 40          | US\$ 70            | US\$ 110           |

Via aérea, acrescentar R\$ 20,00/ano - By air mail, US\$ 20 per year

# Orquidário

Volume 14, 2000, Número 4, outubro a dezembro  
ISSN 0130-6750

## Índice

2

Mensagem do Presidente

3

Híbridos de catassetíneas. Por Luiz Álvaro P. dos Santos

6

Espécies do gênero *Cycnoches* Ldl. Por George F. Carr Jr.

10

Jóias das Coroas Europeias

14

Passatempo, doença ou vício? Por Carlos A. A. de Gouveia

## Seções

21

Recordando... Saber ver. Por Adolfo Souza Grotá

23

Parece que não é...

24

Persona: Delfina de Araujo

## As Capas

Na Capa, *Catasetum macrocarpum*, do Pará, gravura de Dulce Nascimento, que integra o acervo dos reis da Espanha (veja pag. 10). Na contracapa *Catasetum vinaceum*, que é da coleção de Luiz Álvaro Pereira dos Santos (veja página 3), em foto de Manabu Matida.

## Mensagem do Presidente

Aproxima-se um novo milênio e vemos, com satisfação a OrquidaRio preparada para os novos tempos. Depois do anti-clímax da passagem da XV World Orchid Conference, em 1996, muitos preconizaram o ocaso de nossa entidade. Ao mesmo tempo, a OrquidaRio enfrentou o desafio de ficar sem local de reunião e sede administrativa. A dedicação e o apoio dos sócios souberam reverter o quadro e hoje a realidade é outra.

Com sede própria, Revista em dia, Boletim mensal, página na Internet e boa penetração na Sociedade, a OrquidaRio entra no século que se avizinha sob o manto da atualidade.

Acreditamos que a diretriz central de nossas metas foi alcançada, nossa sede reformada e reequipada pode atender o sócio com conforto e assiduidade, a biblioteca arrumada com catálogo e regras de uso, o cadastro de sócios em dia e informatizado, a comunicação com o corpo social permanente e atual plantam bases que possibilitarão as diretorias que nos sucederem dar salto definitivo no sentido de uma Sociedade forte e atuante, transformando aquele sonho utópico dos poucosfundadores em uma realidade irreversível.

À diretoria que toma posse em 2001, nossos votos de uma gestão pacífica e próspera. Aos sócios e colaboradores, convocamos para continuarem o apoio que sempre nos deram. Que sejamos a OrquidaRio e o mundo orquidófilo muito felizes no século XXI.

*Paulo Damaso Peres*

## Nota do Editor

É hora de despedida. E o faço com alívio e alegria. Não por deixar o cargo, mas por tê-lo conseguido exercer sem sucumbir. Quando Paulo Damaso me intimou (não foi bem um convite...) fiquei preocupado. Herdar um posto que fora ocupado por Francisco Miranda, Roberto Agnes e, principalmente, Raimundo Mesquita não seria tarefa fácil.

Sinto o sabor do dever cumprido, conseguimos recolocar a Revista em dia, implantar o Boletim e a página na Internet. Esta obra não seria possível sem a dedicada e competente parceria da Comissão Editorial. Carlos Ivan, Maria da Penha, Carlos Eduardo e enquanto pode José Luiz Bartolo foram os grandes artífices e verdadeiros responsáveis por nosso sucesso. Nunca um Editor teve tanto suporte e colaboração, de fato, fomos uma equipe em todos os sentidos, cabendo a mim talvez o mérito de juntar nosso grupo.

Destaque especial também para Aurélio Pina, que vem desenvolvendo brilhantemente nossa-home-page. Afastado de nossas reuniões por compromissos profissionais, Aurélio transformou nosso espaço na Rede em uma ferramenta atual e viva para contato com os sócios.

À todos muito obrigado, extensivo aos colaboradores de nossas publicações.

*Carlos Antonio Akselrud de Gouveia*



## Nossos híbridos

# Híbridos de catassetíneas

Luiz Álvaro Pereira dos Santos (\*)

Fotos: Manabu Matida

**Q**uando nos propusemos a escrever sobre híbridos de catassetíneas para o editor desta revista orquidófila, o Sr. Carlos Antonio A. Gouveia, a alegria e a vontade de por no papel o que vimos observando há anos, foi gratificante. Pois acredito que isto ajudará outros hibridadores no futuro a saber um pouco do que

irão obter em seus cruzamentos.

Voltemos um pouco ao passado, quando da fundação da nossa ABRACC, nós tínhamos registrado somente dois híbridos de catassetíneas por brasileiros, hoje após cinco anos de trabalho estamos chegando na casa dos cinquenta registros e a alegria de saber que outro tanto está para florir ou em vias de serem



*Catasetum tenebrosum*

registrados.

É sempre bom lembrar a quem se propõe a fazer um novo híbrido o que ele pretende obter como resultado final, ou seja: as cores que ele deseja obter, o tamanho da flor, a época de floração, a duração dessa flor e podemos até pensar no tamanho que a nova planta terá. O que se vê em determinados híbridos em floração hoje em dia, é que o resultado é decepcionante, pois o hibridador não pensou no que ele queria obter como resultado final do cruzamento, e este resultado pode ser uma grande decepção. Enquanto num trabalho bem elaborado ele teria um resultado satisfatório, tempo e tudo mais que ele investiu neste híbrido decepcionante seria o mesmo de um trabalho elaborado com mais conhecimento.

Numa visão preservacionista nos poderiam perguntar porque não

fazer somente as espécies? O que posso dizer é que este trabalho está sendo feito e em grande escala. Hoje já se pode comprar dos orquidários profissionais espécies raras até poucos dias por um preço razoável a nossa realidade econômica.

Acredito que a proposta maior de um hibridador seja qual for o cruzamento que esteja fazendo, além de tentar obter uma nova planta com todas as pré-requisitos orquidófilos ele também está contendo a devastação de nossas matas, ao atender a gula incontável que nós orquidófilos possuímos ao querermos ter mais e mais plantas em nossas coleções.

As diferentes influências e as principais tendências já exploradas até o momento nas diferentes espécies, não só por mim, mas por vários catasseteiros que posso descrever são as seguintes:

*Catasetum tenebrosum*: infelizmente não temos conseguido obter seu colorido marrom nos seus descendentes, como observado em alguns cruzamentos já realizados, mas com uma tendência para as plantas saírem com colorido mais para o vinho, como o exemplo com *Catasetum fimbriatum*;

*Catasetum sanguineum*: este tem nos dado plantas de colorido e



Ctsm Free Flight (*fimbriatum* x *appendiculatum*)

formas atraentes, como podemos observar no *Catasetum* Fogo Silvestre que é *sanguineum* x *denticulatum*. Outro detalhe interessante deste *Catasetum* é a dominância da parte inferior do labelo que tem uma forma de uma língua, que passa para todos os híbridos em que ele entra.

*Catasetum trulla*: para mim umas das melhores matrizes que existe, pois passa para seus descendentes uma gama inimaginável de cores e ótima forma e bom tamanho, tendo como exemplo o *Catasetum* João Stivali;

*Catasetum atratum*: é outro que possui um enorme potencial genético, passando ótima formas, colorido e belos labelos aos seus filhos. Observado no *Catasetum* Fábio Nahas Pereira, que é o cruzamento do mesmo com o *Catasetum* Susan Fuchs Burgundy Chips;

*Catasetum fimbriatum*: muito utilizado até então devido a grande oferta de flores femininas que o mesmo tem proporcionado. Altamente dominante nos cruzamentos em que entra, tendo descendentes muito parecidos com ele, mas não queremos dizer com isso que os mesmos não são belos, visto no exemplo do *Catasetum* Free Flight e o *Catasetum* Dori's Choice, que são plantas de ótima performance



*Catasetum sanguineum*

com muitas flores por haste;

*Catasetum vinaceum*: outra planta de potencial genético fantástico, que tem sido pouco utilizada, mas que já nos deu uma amostra desse potencial no *Catasetum* Durval Ferreira. Ao usarmos os diferentes clones de coloridos inimagináveis não resta dúvida de que teremos surpresas maravilhosas;

*Catasetum Gnomus*: este apresentou excelente híbrido com o *Catasetum fimbriatum* dando-nos plantas de labelos marrons com várias pintas, que leva o nome de *Catasetum* João Nagata;

*Catasetum pileatum*: talvez a planta mais usada até o momento e que tem nos dado híbridos fantásticos, com ótimos coloridos, os melhores labelos em tamanho e forma. Visto isso em vários exemplos como *Catasetum* João Stivali, *Catasetum*





*Catasetum ABRACC (osculatum x tigrinum)*

Orchidglade, *Catasetum Vroni*, *Catasetum Dori's choice* e muitos outros;

*Catasetum expansum*: outra planta que juntamente com o *Catasetum pileatum* foi usada em diversos cruzamentos até agora, dando-nos plantas magníficas, citando como exemplo o *Catasetum Susan Fuchs* e *Catasetum Orchidglade*. Dando aos seus filhos belas cores escuras, ótimos labelos e belas formas;

*Catasetum osculatum*: uma planta que eu recomendo apesar de ainda ter sido pouco utilizada, mas a prova do seu potencial é o *Catasetum ABRACC*, em que o mesmo foi cruzado com o *Catasetum tigrinum*;

*Catasetum sacatum* e *Catasetum incurvum*: devem seguir as características do *Catasetum osculatum* dando-nos flores com labelos

grandes e cores fortes;

*Catasetum denticulatum*: planta fantástica para hibridação e dando suas pintas e com labelos de colorido inimagináveis, como por exemplo o *Catasetum Dentigrianum*, onde entrou também o *Catasetum tigrinum*;

*Catasetum tigrinum*: fantástico para hibridação, como observamos nos *Catasetum Assis Friends* e *Dentigrianum*, dando-nos coloridos alegres com muitas pintas, perfazendo assim labelos fantásticos.

*Catasetum juruenense*: tenho gostado dos híbridos com o mesmo, apesar dos labelos pontiagudos e quase sem colorido, mas suas pétalas e sépalas compensam o conjunto, como no exemplo do *Catasetum Assis Friends*;

*Catasetum spitzii*: outra planta que nos dá ótimas formas de labelo, belas pétalas e sépalas e coloridos dos mais variados, como o *Catasetum Izaias Ferro Junior* e o *Catasetum Altamir Soares*, apesar de ainda pouco explorado, mas que em breve seremos brindados com vários cruzamentos que estão em fase de crescimento;

*Catasetum schmidtianum*:



planta que já nos rendeu ótimos resultados, observados no cruzamento com o *Catasetum galeritum*, que nos deu o *Catasetum Aniel* e no cruzamento com o *Catasetum Expansum* que nos rendeu o *Catasetum Ana Marta Soares*, onde minhas perspectivas de plantas fantásticas foram confirmadas nos dois cruzamentos;

*Catasetum galeritum*: outra planta ótima para cruzamento, principalmente se levarmos em conta o fator cor, como observamos no *Catasetum Maria Helena*, onde o mesmo foi cruzado com o *Catasetum macrocarpum* e o *Catasetum Egel Perazzolli* onde entrou o *Catasetum*



*Catasetum Assis Friends (juruenensis x tigrinum)*

dos, como observamos no *Catasetum Maria Helena* que produziu plantas inigualáveis em todos os aspectos, sendo que, inclusive, alguns clones estão sendo meristemados de tão belos;

Se fôssemos falar meticulosamente sobre cada planta e seus aspectos, ainda teríamos muito a dizer, mas espero que este artigo seja útil aos amigos catasseteiros híbridos.



*Catasetum tigrinum x Catasetum denticulatum*

Osculatum.

*Catasetum macrocarpum*: este é outro que tem dado bons resulta-

“RUAMARACAJÚ, 1062 BL. C, APT. 103  
79002-212, CAMPO GRANDE, MS

# Espécies do gênero

## *Cycnoches* Lindley

George F. Carr Jr. (\*)

SC 2000

Trad. de Raimundo Mesquita

**E**xistem entre 29 e 33 espécies no gênero *Cycnoches*, dependendo daquilo que se aceite como espécie válida.

Neste artigo preferi mostrar de preferência espécies da seção *Cycnoches*, de flores maiores. Alguns gêneros da família Orchideae produzem flores hermafroditas, com caracteres masculinos e femininos na coluna da flor. Exceções são os gêneros *Catasetum* e *Cycnoches*, que produzem separadamente flores masculinas e femininas, ainda que, raramente, possam produzir flores hermafroditas. Tal condição chama-se dimorfismo. As flores femininas de todas as espécies de *Cycnoches* são bastante semelhantes. Por tal razão a classificação das espécies de *Cycnoches*, do mesmo modo que com *Catasetum* é sempre baseada nas flores masculinas. As espécies de *Cycnoches* são distribuídas em duas seções. A seção *Cycnoches* inclui as espécies com flores masculinas e femininas que se assemelham muito entre si, exceto quanto a forma e função da coluna. A coluna da flor masculina é longa, delgada e recurva, com, na parte superior, um polinário proeminente e um vestígio de cavidade estig-

mática. A coluna da flor feminina é curta, grossa com asas, ou “anzóis” de cada lado na ponta da coluna. A flor feminina possui um estigma proeminente no lado ventral, ou interior, da coluna e vestígio de polínia. A primeira espécie do gênero *Cycnoches* foi descrita e publicada por John Lindley no ano de 1832. A descrição foi baseada numa única flor remetida a Lindley pelo orquidário inglês Conrad Loddiges & Sons.

A outra seção do gênero é chamada *Heteranthae*, palavra latina que significa “diferente”. As formas masculinas da flor são completamente diferen-



*C. loddigesii* Lindley (1832), flor masculina. Suriname, Venezuela, Colômbia. American Orchid Society Photograph, *C. loddigesii* ‘Caripe’, CCM/AOS, 82 pontos.



*C. loddigesii*. Feminina. Descrita em 1837 com o nome de *C. cucullata* Lindley.

Fotógrafo, Dr. Günter Gerlach, do Jardim Botânico de Munich.





*C. maculatum* Lindley, flor feminina. Descrita em 1840. Venezuela. Fotografia Dr. Günter Gerlach, do Jardim Botânico de Munich

tes das femininas. Como já dito antes, as flores femininas da seção *Heteranthae* parecem com as flores da seção *Cynoches* e não demonstram qualquer semelhança com as flores masculinas da mesma espécie.

Como já disse antes, é muito difícil identificar espécies de *Cynoches* partindo de flores femininas de qualquer seção por causa de sua semelhança.

O labelo das flores masculinas da seção *Heteranthae* é pequeno, mais ou menos redondo com número variável de projeções em torno do disco, ou parte



*C. maculatum*, flor masculina. 1840. Venezuela. Fotografia, Dr. Günter Gerlach, do Jardim Botânico de Munich.

central de labelo. O disco é ligado ao centro da flor por um segmento fino chamado garra. As várias espécies de *Heteranthae* são classificadas de acordo com a forma e o número dessas proje-

ções às vezes chamadas “dedos” ou “chifres” e, ainda, de outros nomes; completam, ainda, os meios auxiliares de classificação, a fragrância e os polinizadores. A fragrância talvez seja o mais importante meio de separar as espécies. A fragrância floral é o elemento que atrai diferentes espécies de machos de abelhas *Euglossine* na direção de espécies diferentes. A fragrância de flores masculinas e femininas é a mesma. Este fator guia a abelha para a flor correta e, assim, mantém a integridade da espécie.

As flores hermafroditas de *Heteranthae* apresentam grande variedade de formas, variando entre aquelas mascu-



*C. maculatum*, flor hermafrodita. Fotografia, Dr. Günter Gerlach, do Jardim Botânico de Munich. A flor lembra a feminina, embora apresente projeções no labelo que são “dedos” residuais, vindos das masculinas

linas e femininas. Usualmente há projeções no labelo que parecem reproduzir os “dedos” do labelo masculino num labelo caracteristicamente feminino. Tais formas são também chamadas transacionais, um termo que considero excelente, pois não existe uma única forma hermafrodita. Flores hermafroditas podem ser descritas como sofrendo dominância masculina ou feminina, segundo as características mais eminentemente mostradas.

Permitam, agora, examinar as res-

tantes espécies da Seção *Cycnoches*. *Cycnoches loddigesii* é bem diferente da seção que iremos discutir. Chamo estas quatro espécies de grupo *Ventricosum* baseado no nome da primeira espécie descrita embora ela não fosse a primeira do grupo a ser publicada. No ano de 1837, um comerciante inglês que viveu na Guatemala, George Ure Skinner, mandou a Mr. James Bateman, na Inglaterra, uma planta que este chamou de *Cycnoches ventricosum* que vem do latim e significa “inchado num dos lados”.

Em 1838, outra espécie desse grupo foi descrita e publicada na Alemanha, baseando-se em planta originária da Venezuela.

No ano de 1852, o famoso taxonomista Heinrich Gustav Reichenbach, chamado “filius”, filho porque seu pai era também proeminente taxonomista,



*C.ventricosum* Bateman. Flor masculina 1842, sul do México até o norte da Nicarágua. Foto extraída de Prid geon (ed.) “Illustrated Encyclopedia of Orchids”. 1992.



*C.ventricosum* Bateman. Flor feminina. 1842. Foto Charles Alford, 1994

publicou a descrição de uma nova espécie de *Cycnoches* do Panamá. A descrição foi baseada numa única flor feminina, desacompanhada da forma mas-



*C. chlorochilon* Klotzsch masculino, 1838. L. Panamá, Colômbia e Venezuela. Foto de Jim Williams, feita em Caracas, em 1994.



*C. chlorochilon* flor feminina. Foto da American Orchid Society. *C. chlorochilon* ‘Anita Bergold’ AM/AOS 86 pontos.

culina. Deu o nome de *Cycnoches warscewiczii* em homenagem do coletor da flor, Josef Ritter von Rawicz Warszewicz.

Esta espécie causou confusão entre os taxonomistas por cerca de noventa anos, até que Oakes Ames estabeleceu que a forma masculina dessa flor era aquela que, de fato, tinha sido publicada por Rudolf Schlechter com o nome de *Cycnoches tonduzii*. Pelo fato de ter prioridade o nome *Cycnoches warscewiczii*, chamo esta espécie de *Cycnoches warscewiczii*.

Uma comparação de flores masculinas das duas espécies *C. chlorochilon*



*C.warscewiczii* Reichenbach filius 1852. S. Nicarágua, Costa Rica O. Panamá. Desenho do Tipo do Herbarium Reichenbach, em Viena, Áustria. Foto de Rudolf Jenny.





*C. warscewiczii* Reichenbach filius. Flor feminina. AOS, premiação sob o nome de *C. chlorochilon* 'Green Jade' HCC/AOS, 79 pontos, no período em que *C. warscewiczii* ainda era identificada incorretamente.



*C. warscewiczii* Reichenbach filius 1852. F. masculina = *C. tonduzii* Schlechter. Premiação da AOS com o nome de *C. chlorochilon* 'Don Juvenal' AM/AOS 84 pontos, no período em que *C. warscewiczii* ainda era identificada incorretamente.



*C. chlorochilon* (esquerda) e *C. warscewiczii* (direita), fotografadas pelo Autor.

e *Cycnoches warscewiczii* ilustra as diferenças de forma e proporções de sépalas, pétalas e labelo das espécies.

Em 1878 foi publicada a quarta espécie do Grupo Ventriscosum. Em homenagem ao coletor que enviara a flor a Reichenbach f.

Em 1999 foi publicada mais uma nova espécie que pertence ao grupo Ventriscosum. Foi chamada *C. lusiae* G. Romero & Garay. De acordo com a des-



*C. lehmanni* Reichenbach f. masculina. 1878. Equador e Peru. Fotografia do Centro de Identificação do Jardim Botânico Marie Selby.



*C. hagii* Barbosa Rodrigues. Flor masculina, em foto do Autor.

o tamanho de *C. lusiae* é só a metade *C. cholochilon*. A cor da flor de *C. lusiae* é amarelo e tem uma garra curta no labelo. A flor de *C. chlorochilon* é verde com labelo branco e sem garra.

Vamos examinar agora a última das seções *Cycnoches* que não é parte do grupo Ventriscosum. A sétima espécie é *Cycnoches haagii* que é a mais disseminada do gênero. É encontrado no Suriname, Venezuela, Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. A crista retorcida no labelo faz essa espécie fácil de diferenciá-la do Grupo Ventriscosum e de *C. loddigesii*.

Existe recém-descoberta e no prelo uma espécie peruana que é bem próxima da *C. haagi*. Será em breve publicada como *C. farnsworthianum* E. Bennett & E. A. Christenson.



*C. hagii* feminina. Fotografia do Centro de Identificação do Jardim Botânico Marie Selby.

crição a flor assemelha-se com *Cycnoches cholochilon*. A cor da flor de *C. lusiae* que também é da Venezuela, mas

(\*) George Carr  
1321 Oak Valley DR.  
Seffener, FL 33584 USA  
Tel.: 1-813-653 3794  
cycnoches@ij.net



# Jóias das Coroas Europeias

Como já registramos em nosso Boletim, a escolha de duas aquarelas com ilustrações botânicas de nossa sócia Dulce Nascimento para serem dadas como presente aos Reis de Espanha, quando de sua visita ao nosso país, levantaram polêmica nos meios artísticos, sendo questionada por alguns curadores de museus que consideravam que os mesmos ... “não seriam representativos do trabalho hoje existente nas artes plásticas brasileiras, sendo a artista desconhecida no meio”...

A OrquidaRio já se manifestou a respeito, ressaltando que o desconhecimento da qualidade de Dulce significa ignorância, limitação intelectual ou preconceito dos curadores, uma vez que seu trabalho é amplamente reconhecido no Brasil e no exterior.

Curioso notar que os senhores em questão desconheciam que Dulce já havia anteriormente tido ilustrações suas selecionadas para serem dadas como presente para outro monarca europeu, nada menos que a Rainha da Inglaterra, em 1997.

Para permitir que os leitores de Orquidário avaliem a beleza destas obras que integram hoje coleções de importantes regentes europeus, solicitamos a Dulce que nos fornecesse reproduções dos referidos trabalhos e nos contasse um pouquinho sobre como é produzir uma aquarela.

Deleitemo-nos com a beleza das aquarelas.



As orquídeas presenteadas à Rainha Elizabeth pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, durante visita oficial que fez à Inglaterra em 1997, foram pintadas na técnica Ilustração Científica - Aquarela. Foram produzidas no Pará, na época em que eu morava lá. Sempre morei no Rio de Janeiro, e fui morar lá motivada pela criação da FUNVERDE - Fundação Parques e Áreas Verdes de Belém. Em 1995 o prefeito da cidade de Belém me convidou para participar da criação da FUNVERDE que tinha como meta o uso de espécies da flora nativa da Amazônia no paisagismo da cidade. É o tipo de convite que qualquer profissional convicto de seus ideais ecológicos jamais recusaria. O contrato era de um ano, mas fiquei mais três meses. Não faltou convite para prolongar a estadia, mas havia um noivo impaciente - com razão - me esperando no Rio e que hoje é meu marido.

O convívio com a natureza da Amazônia foi uma época inesquecível de minha vida. Apesar de lá estar atuando como paisagista, vários amigos atenciosos, que conheciam meu trabalho como ilustradora botânica, me levavam plantas interessantes, que eu pintava nos finais de semana.

Foi assim com um destes quadros, o *Cycnoches pentadactylum*, que um dia Manoela da Silva, botânica especialista em orquídeas do Museu Emílio Goeldi me disse que tinha um exemplar em floração, perguntando se eu gostaria de registra-lo.

Foi uma pergunta irresistível.

Os cachos com inúmeras flores pendentes balançavam em minha mão conforme eu andava, cada passo poderia significar uma polínia a menos e uma flor murchando quase imediatamente. Carreguei aquele vaso com o cuidado de quem porta algo prestes a explodir.

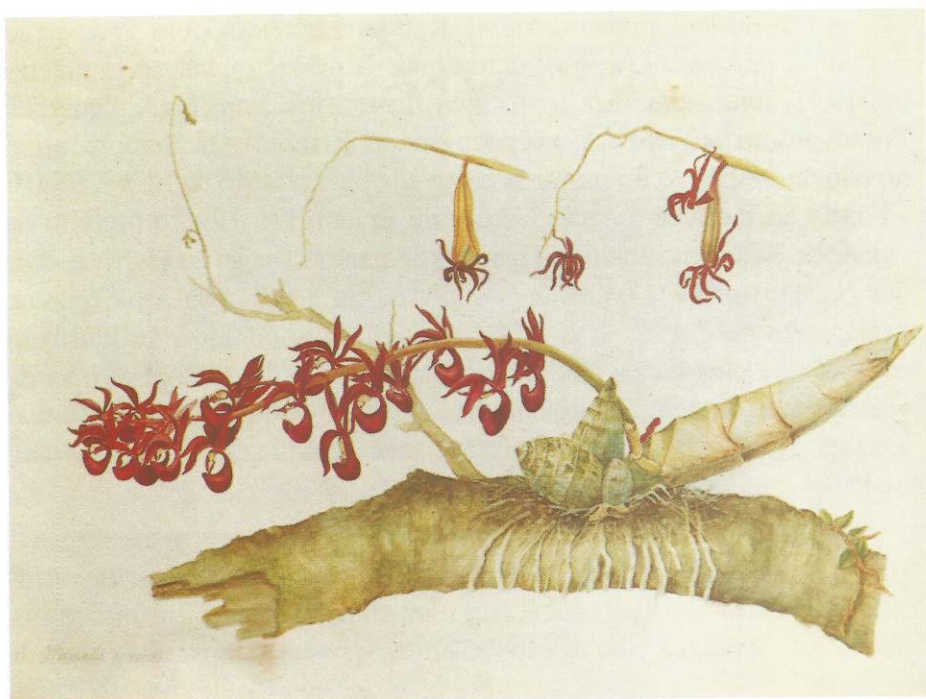
Sabia que seria um desafio desenhar e pintar tantas flores, o tempo correndo e as flores murchando a cada minuto. Passei quase um mês desenhando, observando e pintando detalhes das dezenas de flores. Tinha um aroma de chocolate que guardo na memória até hoje.

Finalmente consegui finalizar, vendo todo o trabalho compensado no resultado.

Esta é a maior das satisfações.

*Dulce Nascimento*





Acima aquarela com *Mormodes paraensis*. O original integra a coleção da rainha da Inglaterra. À direita, também da Coroa inglesa, aquarela com *Cycnoches pentadactylum*.

Na folha oposta, aquarela com *Acacallis cyanea*, da Amazônia, aquarela presenteada pelo Governo Brasileiro, aos reis da Espanha.

A capa ostenta *Catasetum macrocarpum*, do Pará, que integra, também, o acervo dos reis da Espanha.





# Passatempo, doença ou vício?

Carlos Antonio Akselrud de Gouveia

**Q**uando faço palestras sobre orquídeas e orquidófilos eu costumo dizer que todos nós passamos por um ciclo evolutivo (se é que podemos chamar de evolução!):

Tudo começa com uma leve, mas irresistível, atração por flores e um certo fascínio por orquídeas. Fre-

quentar esporadicamente exposições e admirar plantas floridas em chácaras e casas de amigo. As vezes até comprar uma ou outra orquídea, mas sem saber o nome ou mesmo como cuidar. É a fase *pré-orquidófila*, de onde a maioria não passa.

A seguir, alguns são picados pela mosca e começam a se



Detalhe do orquidário do Autor, que ilustra a sua afirmação de que a "fome" do orquidista é insaciável.



aprofundar. Características desta fase são a frequência habitual a exposições, visita constante a orquidários e busca de literatura sobre as orquídeas. Filiação a associações, cursos e compra orientada são a consequência. Os que atravessam esta etapa costumam perder o caminho da saída e seguir em frente. Este é o patamar *orquidófilo*.

Passa-se então a frequentar, compulsivamente, todas as exposições, todas as reuniões de associações, horas a fio falando sobre orquídeas. A pessoa vira figura fácil nos orquidários comerciais as compras começam a desafiar o bom senso. Os nomes científicos, antes encarados com reverência, são agora corriqueiros. Chegamos ao ponto do *orquidômano* ou *orquidodependente*.

A fase terminal acontece quando monta-se a estufa, participa-se, ativamente, das exposições, pega-se tarefas nas associações (diretorias, coordenações, etc.), os limites para adquirir plantas se estendem pelo mundo a fora. Alguns (o autor por exemplo) se envolvem em atividades exóticas como julgar orquídeas. Este é o ápice, se você chegou lá, você se tornou um *orquidiota*. E o pior, é como a inocência perdida, não tem volta!

Loucos, somos loucos! Todos

um dia fazem esta reflexão, afinal basta um restinho de sanidade para constatar o óbvio. Quem nunca se surpreendeu comprando um lote de plantas que sabe não ter onde colocar, ou pagando um dinheiro que não tem por aquela orquídea que sempre sonhou (e como nós sonhamos!!)?

Certa vez, durante comemoração de aniversário do Waldemar Scheliga, um grupo seletivo se encaminhou para conhecer sua coleção. Passada quase uma hora, estavam todos ainda dentro da estufa, vendo e revendo as preciosidades. A nora do Waldemar, anfitriã da festa, já começa a ficar preocupada. Apesar de várias chamadas, ninguém saía da toca. Foi então que teve uma idéia, e apontando em direção a outra localidade, falou:

-Ali tem outra estufa.

-Aonde? - Soou em uníssono. Trinta segundos depois não restava um na estufa, indo todos rapidamente procurar a novidade. Lá, felizmente, só haviam plantas antigas e em recuperação, assim o grupo passeou e saiu, permitindo a continuação do evento.

Quem conheceu a varanda do apartamento do Carlos Eduardo de Britto Pereira pode ter uma idéia do que nossa paixão pode provocar, ele tinha cerca de 900 plantas em sua



varanda! E não imaginem uma cobertura cinematográfica, trata-se de um apartamento normal, com uma varanda comum.

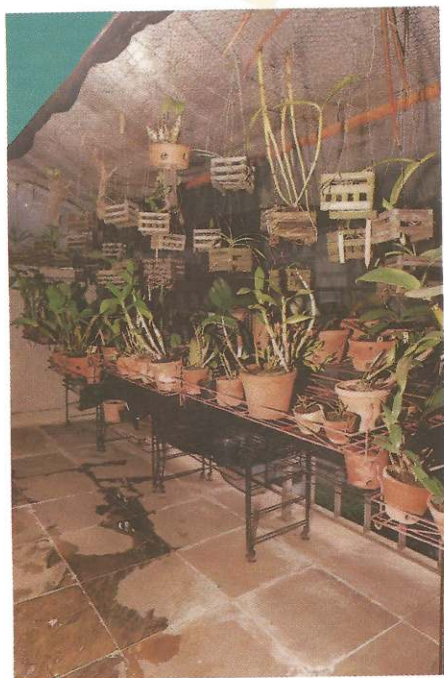
Ninguém se aproxima mais de um santo do que as pobres pessoas que casam com um de nós. É necessário paciência de monge para lidar com nossa obsessão. As histórias são inúmeras, como um companheiro que transformou o campo de vôlei do sítio em estufa de *Cymbidium*, o Raimundo Mesquita que conspirava contra uma piscina, apesar de já possuir um bom espaço - a

justificativa seria que descobriu que na área da piscina a luz e umidade seriam perfeitas (não sei se Ofélia acabou capitulando, mas os netos ainda resistiam).

Este negócio de luz ideal... Outro, um antigo e conceituado cultivador, um dia descobriu que a melhor iluminação estava na região em frente a entrada de sua casa em Teresópolis. Desde então todos que iam a sua casa passavam a ter que se esgueirar por um estreito corredor entre a volumosa estufa e o muro.

Quando nós viajamos, o vício vai junto. Todo mundo arranja um jeitinho de visitar um orquidário. Eu levei minha família uma vez, quando estávamos passeando na Flórida (Disney e tal), a um orquidário em Boyton Beach, no meio do nada (como as pessoas tem mania de fazer orquidários escondidos) e, sem perceber fiquei umas três horas enfurnado lá. Quando saí, com algumas plantas que nem eu sabia com trazer, achei minha mulher e meus dois filhos dormindo no carro, já eram 6 horas da tarde. Quem, senão um anjo compreenderia tal desatino?

Bem, muitos dos leitores devem lembrar-se da história do Jorge Abreu da Silva, contada em nosso Boletim. A filha dele trabalha na VARIG e conseguiu duas passagens



Detalhe de casa de vegetação que Raimundo Mesquita mantém no seu apartamento, no Bairro de Botafogo no Rio, fotografada por Carlos Ivan.

com enorme desconto para qualquer destino. Resolveu dar uma viagem como presente para o pai e perguntou onde ele gostaria de ir. Creio que deve ter pensado na Flórida, Cancún ou mesmo Paris, Londres, Roma ou Madrid, mas que surpresa... - Tailândia!! Exclamou sem pensar duas vezes. E lá foi ela ao outro lado do mundo passar horas vendo *Vandas* e *Ascocendas* com o pai viciado.

Certa vez eu o nosso Vice-presidente, José Luiz Bartolo paramos para refletir, eram 19 horas e nós havíamos viajado oito horas do Rio até Miami, feito uma conexão para Orlando, alugado um carro e caído na estrada, visitando quatro orquidários neste primeiro dia. Nos dez dias seguintes nada fizemos senão encarar estradas e caminhos tortuosos para chegar em orquidários. Como era maio, o calor já era razoável na Flórida, bastante incomodo dentro das estufas (nesta época do ano, acreditem, estufa é um nome muito adequado). E era a segunda vez que fazíamos viagem exclusivamente orquidófila para a Flórida!

Também não podemos ver um mato que lá vamos nós procurar habitats. O Hans Frank passou vários dias em uma UTI vitimado por uma ataque de abelhas, que o surpreenderam sozinho na mata. O Paulo

Damaso certa vez apareceu andando com dificuldades e todo lanhado, resultado de uma incursão a um sítio de *Zygopetalum*.

Li certa vez no Boletim da American Orchid Society um artigo muito interessante, era escrito por uma esposa de orquidófilo. Contava de suas agruras. No início seu marido tinha um punhado de orquídeas, que cultivava no parapeito da janela da sala. De repente ele comprou uma prateleira para colocar na janela do banheiro, uma para a cozinha. Logo instalou uma parafernália com luzes e ventilação no escritório e em pouco tempo era impossível se locomover dentro de casa, todos os espaços tinham plantas!

Foi então que surgiu a solução para todos os problemas: um amigo estava se desfazendo de uma estufa (para comprar uma maior, é claro), que cabia como uma luva no quintal da casa. O melhor é que lá caberiam pelo menos umas 5 vezes mais plantas do que a sua coleção. Era uma barganha, oitocentos dólares e o fim do caos. Mal sabia ela que, por trás da estufa, ainda viriam o sistema de aquecimento, de resfriamento, irrigação, timer, higrômetro, iluminação, umidificação, ventilação e outros apetrechos. Oito mil dólares em equipamentos!

Mas o pior ainda estava por vir,



passados seis meses a estufa estava abarrotada e a casa de novo uma floresta...

Ela dava algumas recomendações, não me lembro de todas, mas duas eram destaque:

- Quando ouvir uma conversa sobre um bom negócio, interrompa na hora e, preventivamente, feche questão. Normalmente o papo esconde a aquisição de lotes de dezenas plantas.

- Quando houver exposição, permita que o viciado saia de casa com no máximo duas folhas de cheque. Cartões de crédito, quebre se necessário.

Caro companheiro, se você se viu retratado em alguns - provavelmente em muitos - dos aspectos aqui lembrados, relaxe, o vício o venceu, só resta aproveitar. O pior do vício de orquidiota é que, ao contrário de outros, as pessoas não vão tentar dissuadi-lo a deixá-lo, mas sim incentivá-lo e elogiá-lo. Talvez com a exceção de seu cônjuge, mas este também, quase com certeza, já deve ter desistido e aderido.

Vou ficando por aqui, chegou um novo catálogo e eu ainda não tive tempo de analisar. Mas parece que tem muita coisa interessante...

**A OrquidaRIO deseja**  
**aos seus sócios um**  
**Feliz Ano Novo**  
**um bom início de**  
**século e que todos**  
**iniciem bem o Milênio.**  
**Ajude-nos a ter uma**  
**Sociedade cada vez mais sua**



# Saber Ver

Adolfo Souza Grota\*

Atualmente com o grau de difusão da cultura das orquidáceas, muitos se julgam capazes de poder falar e escrever sobre elas, às vezes superficialmente, porque nem sempre a observação criteriosa serviu de base para o que escreveram. Quem ouve os comentários sobre os julgamentos de plantas nas exposições, pode ser levado a crer que estes julgamentos são feitos por juízes parciais e incompetentes, mas isto só se dará com as pessoas que não tem o dom da observação, não da observação que consiste simplesmente em olhar uma flor e logo passar adiante, mas da observação acurada, demorada e que, sobretudo se junte à comparação. Quem estiver bem exercitado a ver com atenção os menores detalhes, compreenderá porque, numa exposição, uma flor que tirou o prêmio e que lhe parecia o merecer, de fato fêz jus a esse prêmio em comparação com as outras de sua categoria e, então, ficará sabendo quão difícil é o papel do juiz numa exposição de orquidáceas, porque ele não deve se deixar levar pela pomposidade das flôres, mas sim deve analisá-las, compará-las friamente.

É preciso que saibamos ver e extasiar-nos diante duma orquidácea em flôr. Muitos não vêm, não sentem e passam e olham e esquecem. Poderemos educar o gosto? É possível ensinar a ver e gozar uma bela orquídea? É uma questão duvidosa, mas uma bela orquídea deverá falar por si, produzindo no espírito dos que a olham, aquela sensação

especial de beleza, que naturalmente será individual. Será que só os que tem disposições naturais possam chegar a apreciar a beleza de uma flor, como uma obra de arte? Nesta questão, quem observa uma exposição de orquídeas poderá verificar a diversidade de gostos e de comentários sobre as flôres expostas: há os que apreciam as flôres coloridas, de intenso colorido, os que gostam de tons mais suaves, os intransigentes na questão da forma da flor, desprezando tudo mais; há os que apreciam o exotismo e os que apreciam a raridade. Como educar esses gostos? Muito difícil. Embora as comissões julgadoras julguem de acordo com as normas preestabelecidas, firmadas em cânones que regulam o que se convencionou chamar "flor perfeita" - ainda assim surge sempre a dúvida diante da diversidade de gosto dos julgadores. A Itália deixou de possuir um magnífico quadro de Rembrandt - *Bove squartato* - porque, como disse Marangoni "Una delle solte commissioni di professori molti anni fa se pronunciassse contraria all'acquisto, per chá il soggetto - un bove squartato - non pareva degno di un publico museo".

Atualmente estamos acostumados a ver quase que somente híbridos e assim nunca observamos uma espécie como deveria ser observada. As flôres simples, como as gentes simples, devem ser vistas tais quais se apresentam e não devemos exigir delas o que não podem dar. Coletores de plantas de todos os tempos ficavam extasiados diante do



que viam nas matas e estas orquídeas, que hoje são olhadas com pouco caso, mereceram deles, páginas de verdadeiro entusiasmo. Há certas qualidades padrões que podem ser usadas, para determinar a extensão em que o auxílio visual é de valor na apreciação do que se olha. É preciso mais do que ver; é preciso observar. Não vou exigir que todos tenham a capacidade de observação do grande Fritz Müller, naturalista alemão que viveu em nossa terra e que foi denominado por Darwin “príncipe dos observadores”. Não. Mas também não deve olhar a flor e passar logo adiante, sem observá-la com cuidado, sem procurar entender a mensagem que ela nos traz. As qualidades principais na visão das coisas são: precisão, pertinência, realismo, compreensão e interesse. É muito mais fácil observar uma orquídea e gravar seus caracteres diante da planta viva, do que diante de uma prancha, por mais bem feita que seja. Por isso, que chamamos precisão, devemos aproveitar ao máximo as exposições ou visitas a orquidários de amigos, onde podemos observar acuradamente grande número de gêneros e espécies de orquídeas. Uma observação pode às vezes, ser acurada ao último detalhe, mas, às vezes, falha por falta de pertinência. Quanto ao realismo e compreensão, falam por si e eu vou referir-me somente ao interesse, como um fator primordial na arte de saber ver. Tudo que nos interessa é sempre visto com mais cuidado, mas não

deve ser uma coisa passageira e sim contínua. Devemos pensar sempre no assunto; não quero dizer que todos tenham interesse pelas orquídeas, mas aqueles poucos que os tenham, devem cultivá-lo, procurando entendê-las, porque muitas vezes o interesse é proporcional ao entendimento. À custa de se interessar extraordinariamente pelas orquídeas a ponto de exclamar: “I never was more interested in any subject in my life, than this of orchids”, Darwin pode escrever seu maravilhoso livro “The various contrivances by which are fertilized by insects”, que todo aquele que ama as orquídeas deveria ler, para avaliar a capacidade de observação aliada ao máximo de interesse, que lhe despertava a ação dos insetos na fertilização cruzada das orquídeas, já que, segundo disse êle: “a natureza tem interesse em evitar, por todos os meios possíveis, as autofecundações perpétuas, cuja ação é funesta ao desenvolvimento da espécie”. Foi também o interesse que levou o grande Fabre a escrever os seus famosos “Souvenirs entomologiques”. Dele disse o grande escritor Romain Rolland “la patience passionnée de ses géniales observations me ravit, à l’égal des chefs d’oeuvre de l’art. Il y a des années que je lis et que j’aime ses livres”. É isto que eu desejo que nossos orquidófilos possuam em alto grau: interesse, porque assim aprenderão a ver tudo quanto há de belo numa orquídea, por mais modesta que seja.

---

(\*) O texto acima é de 1958 e foi publicado no Boletim da SBO, vol. I, nº 6, julho de 1958, nas páginas 98 e 99. O autor, Adolfo Souza Grota, era representante da SBO em São Paulo. Foi respeitada a grafia da época, tendo a Editoria feito apenas uma correção de um erro tipográfico evidente: no lugar de *exotismo*, está *exatismo*, palavra inexistente e sem sentido no contexto.



## Parece que não é...

1 - De repente começa a lhe abrir uma flor, *Laelia purpurata*, ou, pelo menos, você a tinha como tal...

Feia. Retorcida, parece com uma porção de outras flores, mas você sabe que é uma *Laelia purpurata* (pois aquele labelo, já entrebertado, não engana ninguém), de um lote vindo de Amândio Pinho Caetano, florindo pela primeira vez e todos sabem que Amândio não faz “porcarias”.

Mas, você pensa, a natureza, os mistérios da genética, fazem e levam você a pensar que, à primeira vista, se trata de outra coisa, uma deformidade, uma peloria, uma doença...

2 - Demora para abrir e você acaba perdendo a paciência e vai dando



uma ajudazinha aqui, outra ali, atraído pelo colorido intenso do labelo, o famoso roxo-violeta, e do que lhe parece ser a venação, no mesmo tom, nas pétalas. A flor vai, aos poucos, se abrindo e você descobre, a final, que a forma não é de todo ruim e que você foi premiado com uma raridade, uma labeloide, quase trilabelo.

Orquidofilia tem dessas surpresas!

3 - Na terceira foto, que infelizmente ficou muito pequena, abri totalmente a flor, para que se pudesse ver, de forma mais completa, o desenho tendente a reproduzir o labelo nos dois falsos que se apresentam quase perfeitos.

E ficamos a nos perguntar qual terá sido o desarranjo biológico que determinou isto ou se é a planta evoluindo em busca da garantia da polinização que lhe permitirá a perpetuação.



*Raimundo Mesquita*

## Persona

### Delfina

Nós, aqui na OrquidaRio, temos um sistema de classificação de sócios que se assemelha ao sistema de gerações. Quando queremos dizer do grau de prática e conhecimento de um orquidicultor, dizemos “ele é da exposição de 19...”.

Eu, por exemplo, sou da exposição de 1986, a primeira, ou seja, em termos de OrquidaRio, tenho catorze anos de experiência.

Isso tem uma razão de ser e resulta de um fenômeno curioso (que deve ocorrer em todas as exposições espalhadas pelo mundo afora...): indo às exposições e maravilhadas com a beleza exibida, as pessoas acorrem aos borbotoes e, em grande quantidade, se filiam à sociedade. Poucos, porém, resistem ao primeiro ano de filiação. É quase uma versão orquidófila da parábola bíblica muitos são chamados, poucos os escolhidos.

Explicações pa-ra isso? Falta de pertinácia, porque cultivar orquídeas é chato e não é fácil, como costumamos afirmar para tentar atra-

ir as pessoas para o nosso vício; chatices das nossas reuniões, a pesar do esforço das diretorias que se sucedem; limitações das nossas publicações; descoberta que as pessoas fazem de que não era bem isso o que queriam, etc., etc....

De que “geração” será Delfina de Araujo? Poderia até saber, perguntando a ela, mas isso não seria gentil. Conheci-a aí pelos idos de 1993, quando se iniciava a azáfama de preparar a 15<sup>th</sup> WOC, começando pela participação na 14<sup>th</sup> WOC que iria se cumprir em Glasgow, na Escócia.

Numa das reuniões da OrquidaRIO, abordou-me com questões de cultivo e de nomenclatura. Senti que nela existia conteúdo e, sobretudo, interesse e amor pelas flores, algo que ultrapassava a simples curiosidade de uma atividade de lazer. Voltamos a conversar outras vezes e, numa dessas ocasiões, passou-me um calha-maço com esboço de um livro sobre orquídeas, com pedido de opinião.

Pensei: “mais um...”, mas li, como costume, pois há sempre algo para aprender, mesmo quando se trata de uma compilação. Não havia nada que justificasse a



publicação, mas o trabalho evidenciava duas coisas: boa escrita e pesquisa séria. Fui sincero, dizendo-lhe que achava ainda cedo para pensar em publicar e que, se viesse a editar, seria mais um livrinho sobre orquídeas, desses que ou vão para um canto escondido da nossa biblioteca, são dados a um amigo iniciante, ou vão parar num “sebo”. Disse-lhe que, dela, eu esperaria muito mais. Esse “muito mais” começa a nos aparecer aos poucos no seu trabalho de pesquisa, na sua curiosidade enorme, que já começa a beirar o interesse botânico, a taxonomia, a biologia (penso, às vezes, com um certa nostalgia que eu, também, já fui assim...).

Delfina tem hoje uma enorme afinidade com a orquídea, tratam-se como velhas amigas íntimas. Suas pesquisas, suas descobertas, como foi o “revival” de Maria Werneck, quando essa já se aproximava do fim da vida, fazendo, em consequência, um bem enorme à grande e já esquecida artista botânica. Outros trabalhos seus, divulgados sobretudo na página que mantém na Internet junto com o seu marido, Sérgio Araujo, extraordinário fotógrafo e grande figura humana, tem inúmeras virtudes, mas destaco uma que me parece a mais importante: a gratuidade

de fazer tudo aquilo por simples amor e por regalo, seu e nosso, seus amigos e seguidores.

A nossa *persona* brinca também de cultivadora e sobre isto já escreveu em Orquidário. Já me levou para conhecer o seu orquidário de pedra (antes desse eu já tinha visto e escrito sobre o de Władisław Zaslaswski, no Espírito Santo, mas em região montanhosa e climatologicamente favorável, o de Delfina é numa pedra no Bairro do Flamengo, atrás do edifício onde mora). As condições para cultivo não são adequadas: calor, sol, chuva, vizinhos ou pessoas lindeiras que praticam atentados...

A pesar disso tudo, consegue que suas plantas vicejem e floresçam...

Já escrevi, todos que me concedem o privilégio de me lerem hão de lembrar, sobre cultivadores incommuns, um cultivador de orquídeas filatélicas, outro literalmente em cima do telhado...

Escrevo agora sobre uma cultivadora e pesquisadora que faz da Internet sua mata encantada...

Delfina, hoje cultiva, muito bem, o pensamento sobre orquídeas...

**Raimundo Mesquita**





*Catasetum vinaceum*  
planta de potencial genético fantástico e  
que tem sido pouco utilizada,  
já deu mostras, porém, desse potencial.  
Usando os diferentes clones,  
de coloridos inimagináveis,  
teremos surpresas maravilhosas.